

UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DA RETOMADA NA FALA INFANTIL

Abstract

Children's speech has become a special issue for reflection. It is special because it constitutes a language-subject relationship in which the speaker is still acquiring his native language it is precisely for this reason that he develops certain discourse movements with/in the language that enable the researcher to make a deep study of the language-human being relationship. Retaking is one of such movements. What can the retaking of terms or statements which are so common in children's speech tell about this relationship? This work, which is based on the Interactional Linguistics presuppositions, seeks to understand this issue and provide hypothesis to foster such discussions.

Key words: retaking. Children's speech.

INTRODUÇÃO

A linguagem infantil tem sido um lugar de observação da relação do sujeito com a língua, pois se trata de uma relação especial em que a criança está entrando no circuito da linguagem. E essa entrada desencadeia certos movimentos discursivos, que dão visibilidade a determinados efeitos que ajudam o estudioso a compreender um pouco melhor a relação do homem com a linguagem. Olhando por este viés, podemos nos perguntar: o que a retomada de termos ou de enunciados, um processo tão comum na fala da criança, pode esclarecer a respeito da linguagem e da relação do sujeito com a língua? Quando as crianças retomam de que modo isso se dá, com que objetivo e o que isso revela?

O interesse por esse tema nasceu de nosso trabalho de tese defendido em 2002 sobre argumentação oral infantil, quando conhecemos a teoria de François (1996, 1998, 2001) sobre os movimentos discursivos. Para o autor, o sentido, no diálogo, vai sendo construído através de movimentos discursivos, dentre os quais se destacam as retomadas e as reformulações.

No diálogo, alguns estudiosos, entre eles Kerbrat-Orecchioni (1990), perceberam que cada enunciado se atualiza de modo conexo, tendo em vista dois pólos: o tema e o interlocutor. Os interlocutores posicionam-se de diferentes lugares e de diversos modos em relação ao tema: há aqueles que o introduzem, outros que o retomam parcialmente ou totalmente, outros que o deslocam, há aqueles que o rejeitam totalmente, introduzindo um novo tema etc. Observar o tema é olhar todo esse percurso. Por isso, François (1996, p. 110) prefere nomear **campo temático** e o define como um elemento que garante a continuidade do falar sobre alguma coisa, que se concretiza através de tipos de trocas, servindo de fio condutor da organização discursiva e de laço de entrosamento entre os interactantes. Em outras palavras, é o organizador da conversação, é o elemento que une o *falar sobre algo e os participantes*.

Para François (1996), no diálogo, o **campo temático** é conduzido de duas maneiras: por **continuidade** ou **deslocamento**. No primeiro, através de **retomadas**. No segundo, através da introdução de um novo tema. Aqui, pode-se falar de um simples *deslocamento temático*, quando o novo assunto apresenta uma relação de semelhança ou de diferença com o precedente ou, ao contrário, de *ruptura*, quando o novo não evidencia qualquer ligação com o anterior, apenas com o evento discursivo.

Para o autor, a linguagem encontra-se sempre exposta ao inesperado, ao diferente, aos deslocamentos, por isso é necessário que os estudiosos estejam voltados para a abertura e não para o fechamento do sistema, para se entender a pluralidade que se dá no funcionamento do campo semântico. Pluralidade que se faz presente no inventário aberto dos atos ou jogos de linguagem.

Para entender a pluralidade que se dá nos diferentes usos, François parte da criança, pois a linguagem infantil é, desde o início, repetição, modificação, mistura do que vem do outro e de si mesma, por isso mesmo o autor chama de jogo a retomada-modificação, que ocorre desde as trocas do balbúcio, ocorridas entre bebês e adultos muito antes do surgimento da palavra. Retomadas e modificações que revelam, sobretudo, a diversidade da linguagem, pois a criança nunca repete do mesmo jeito.

Esta diversidade torna-se palpável na interação, pois cada um dos interlocutores possui algo em comum com o outro e algo que o diferencia. A base comum constrói-se na comunidade, onde se aprende a mesma língua, os sinais do afeto do outro, as formas habituais das condutas humanas, a distinção entre conhecidos e desconhecidos etc. A esta base comum opõe-se tudo aquilo que faz com que o interlocutor seja único: idade, classe social, papel, visão de mundo, modo de sentir etc. Essa relação com-diferente traz para a linguagem uma opacidade inevitável, pois o sentido é resultado da influência recíproca dos locutores e do contexto e de-

pende da subjetividade dos usuários. E, nesse aspecto, os enunciados não veiculam mensagens de um locutor a um interlocutor, mas possibilitam que o ouvinte localize em sua memória, em suas experiências aquilo que lhe parece fazer mais sentido nas palavras do locutor. A linguagem deixa de ser mero canal para transmitir informação para ser lugar de construção de sentido.

Por tudo isso, para se chegar à compreensão dos discursos, François (1998) postula, em lugar de um estudo da língua com suas estruturas prontas, acabadas, a análise da linguagem, pois esta deve abarcar o *além do dito* (o não dito), o *implícito*, a *mistura de gêneros*, a *circulação dos discursos*. Isto significa, no caso das interações infantis, tentar compreender como a criança retoma, modifica, suprime, junta os elementos quando entende um texto e o repete, ver como ela é capaz de se corrigir, de hesitar, de reformular seu discurso e, por fim, verificar o posicionamento do sujeito com a língua.

Neste momento, queremos tecer alguns comentários sobre algumas das funções do processo da retomada na fala infantil. Antes de iniciarmos as análises, gostaríamos de esclarecer que, de acordo com a visão interacionista, a retomada é vista como um processo de estruturação da linguagem.

Para discutir nossas hipóteses sobre essa conduta dialógica, selecionamos três exemplos de fragmentos de diálogos entre crianças de 3 a 4 anos gravados no pré-escolar¹, que nos permitem ver o processo da retomada como: lugar de criação de sentido, lugar de constituição do papel de intérprete e lugar de construção do tecido dialógico. Vejamos o primeiro.

Esse trecho evidencia nitidamente o caráter inesperado e lúdico da interação entre

crianças. Após o elogio feito pela professora, Pedro (1-59), num movimento inesperado, brinca com o próprio desenho: cara de pato. A professora reage, num movimento de oposição, procurando negar a comparação. João, pelo prazer do jogo, retoma o enunciado redirecionando não mais para o desenho, mas para o amigo Lucas. Pedro (1-68) repete e ri deliciosamente. Essa retomada, enunciada por locutores, em momentos diferentes, remete também para finalidades diversas: Pedro ri do desenho, João ri do amigo, Pedro (1-68) ri da surpresa pela mudança do referente. E essa mudança de sentido se manifesta nos encadeamentos. João, ao encadear sobre a fala de Pedro, opera a transferência do referente, gerando o riso. Pedro (1-68), encadeando sobre João, coloca em relevo a adesão à mudança ocorrida. Isso fica claro com os risos. A aparente identidade não deve nos confundir. A seqüência inicial e a sua retomada constituem dois eventos enunciativos distintos. Não somente o contexto prosódico não é o mesmo como também certos aspectos do quadro interativo são diferentes.

Esse exemplo nos mostra que o sentido surge, através da criatividade, na relação entre a retomada e o diferente. Essa retomada estabelece ligações que modificam não só a relação do sujeito com a língua enquanto objeto, mas com a língua como constitutiva da relação sujeito e mundo. Ao repetir a fala de Pedro (1-64), João encontra uma forma de participar da conversação e, ao reformulá-la (1-64), coopera para o seu andamento, contribuindo para desenvolvê-la e marcar sua posição no discurso.

É possível perceber também que aqui, como afirma Bakhtin, a fala deixa de ser o trabalho com a língua concebida como lugar de estabilidade de sentido, para ser lugar de possi-

57-Professora-	((?)) Pedro
58-Pedro-	o meu
59-Professora-	tá tão bonito assim
60-Pedro-	tá tão (.) cara de pato
61-Professora-	não
	((muito barulho))
62-João-	Lucas
63-Lucas-	quê:?
64-João-	seu nome é cara de pato ((outro aluno ri)) (.) cara de
65-	pato:: ((rindo))
	((criança chora))
66-Professora-	que foi? (.) sabia que a tia vai dá cola pra colá:?
67-João-	eu disse: o nome dele É (.) cara de pa:to:
	((falas simultâneas))
68 -Pedro-	cara de pa:to: (.) ele disse que o nome dele é cara de pa:to:
	((risos))
69-Professora-	quem vai querê palito?

¹ Corpus trabalhado na tese *Interação e argumentação oral infantil: o esperado e o surpreendente dos movimentos discursivos*, de FARIA (2002).

bilidade de outros sentidos. Essa retomada mostra momentos de subjetividade, lugar de reconhecimento de um sujeito que, a partir de um mesmo espaço do dizível, inscreve-se no discurso, instaurando um novo sentido. Ao falar, a criança não repete, ela transfere o discurso do outro para si e com este movimento ela reveste esse dizer com suas marcas e só este fato já con-corre para emergir o diferente, um novo sentido. Essa retomada dá visibilidade ao trabalho de desestruturação e reestruturação daquilo que vem pela fala do outro.

Aqui, vemos a recriação sucessiva dos interlocutores, ilustrando a idéia de Bakhtin do eterno inacabamento do texto. Essa mudança do referente de "cara de pato" oferece subsídio para a compreensão do papel do outro na relação dialógica, o que permite uma grande mobilidade para as mudanças de sentido.

No exemplo que se segue, pode-se ver a retomada como lugar de constituição do papel de intérprete.

104-Yasmim-	quando fô o meu aniversário Malu (.) ((?)) tu(.) é (.) é:: pega um
105-	papel e desenha por onde é tua casa pra quando fô ((?))
106-Professora-	olha Sílvia mais papel
107-Yasmim-	qual é o nu::mero?
108-Malu-	meu número é: (.) xxxxxxx
109-Professora-	olha o pali:to pra colar:
110-Yasmim-	youê dese:nha youê DESENHA por onde é sua ca:sa
111-Malu-	eu faço o muro (.) aí eu te dô (.) aí eu te dô:
112-Yasmim-	faz o MAPA da sua casa onde E tá? tá bom? (.) aí youê dá:
113-	pra mim(.) eu boto na minha bol::sa (.) aí quando fô o meu
114-	aniversá:rio (.) a minha mãe lhe busca na sua ca:sa e youê fica
115-	esperando eu já arrumada (.) não precisa sua mãe ir (.) E em
116-	outubro mas só que/ pois é ((?))

Yasmim (3,6) deseja ver a amiga em sua festa, para isso precisa convencê-la a desenhar o roteiro indicando o caminho de sua casa, o que é para ela a condição da ida de Malu (4,2) ao seu aniversário: a mãe só poderá ir buscar sua amiga se souber o caminho. Decidida a realizar seu desejo, Yasmim tenta persuadir Malu a ensinar como se chega à sua casa.

Nesse diálogo natural, as crianças, conjuntamente, alternando-se nos papéis de falante e ouvinte, dão prosseguimento ao tema selecionado por elas mesmas. Caracteriza-se por uma conversa complementar, em que um dos interlocutores, Yasmim, ocupa a cena mais vezes com intervenções importantes para o desenvolvimento do campo temático. Ela faz as contribuições maiores e estrutura a maior parte do diálogo através dos movimentos argumentativos.

O outro participante, Malu, destaca-se menos na interação tanto pelo número de falas (6) como também pelas contribuições para o andamento do tópico em discussão. No entanto, sua participação é decisiva na medida em que é

nela que o falante principal se apóia para conduzir a sua fala.

Na linha 111, Malu faz um movimento de concordância e diz que vai fazer um muro. Yasmim, devido à imprecisão da palavra usada por Malu (muro), realiza um movimento argumentativo de correção e outro de explicação da finalidade do desenho, empregando o termo mapa.

Pelo emprego do termo *mapa*, percebe-se uma relação que, pelos seus efeitos, mostra uma criança intérprete de seu próprio texto e do texto do outro. Ao sentir a impropriedade do termo muro, Yasmim retoma o assunto, modifica o próprio modo de falar, sendo bem mais clara, introduzindo um termo mais específico. Essa mudança faz emergir a figura de um sujeito que trabalha com a língua, que percebe equívocos no discurso, tanto no seu como no da amiga e essa percepção a impele a desfazer as falhas. Para isso, retoma o assunto, para direcioná-lo para suas finalidades. Essa atitude de sujeito constitui-se a partir da posição de intérprete definido na

relação com o interdiscurso e com o interlocutor. Pode-se dizer que as ressonâncias em torno do modo de dizer tornaram visíveis para Yasmim os equívocos na fala da amiga. No diálogo com os discursos já ditos, era presumível que a mãe não chegaria a parte alguma, com a descrição apenas de um muro. Era necessário algo mais. Pela interpretação da fala do interlocutor, o sujeito se posiciona e refaz seu próprio percurso.

Uma vez colocada nos movimentos discursivos da linguagem, a criança é chamada a responder ativamente, isto é, a interpretar e essa inserção contínua nos diálogos a faz penetrar no sistema sempre mais.

Finalmente, passemos para a terceira função da retomada: elo para a construção do tecido dialógico.

A abertura oferecida pela professora leva Yasmim a se inserir na interação (1-167) de um modo admirável. Segundo François (1996), no diálogo, quando repetimos o que a criança acaba de dizer, ela é induzida a realizar um dos dois

movimentos: o da repetição restrita, ou o do acréscimo. O autor (1996:115), partindo de Bateson, mostra que os encadeamentos podem ser realizados segundo esses dois modos: *simétricos*, quando são construídos enunciados paralelos ao de seu interlocutor, seja sob forma de repetição restrita, seja sob forma de enunciados em série; ou *complementares*, tipo questão-resposta ou enunciado-acréscimo. Neste exemplo, vemos Yasmim acrescentar sempre algo novo. O surpreendente agora é a inversão de comportamentos lingüísticos dos interlocutores, pois se espera que a professora encadeie com movimentos de complementação e não é o que acontece.

167-Yasmim-	só sei que a minha é igual à de Malu
168-Professora-	ah:! fez igual à de Malu?
169-Yasmim-	mas só: que a dela é GRANDE
170-Professora-	a dela é gran:de (.) maior que a su:a né?
171-Yasmim-	é porque ela fez DEITADA
172-Professora-	ah: a árvore dela ficou deita:da?
173-Yasmim-	é (.) é maio: mas não dá pra crescer:.

A professora limita-se a retomar, ou melhor, a questionar sobre algo já respondido. Esse tipo de retomada realizada pela professora serve de elo para a construção do tecido dialógico. Do ponto de vista temático, ele não acrescenta informações, mas manifesta, sobretudo, a presença do interlocutor na interação. A professora incorpora, faz seu o discurso de Yasmim e esse aspecto concorre para estabelecer uma ligação entre os parceiros. Trata-se, principalmente, de sinais de escuta, que abre a possibilidade de continuidade da conversação.

O admirável é que Yasmim não responde ao que foi perguntado, mas, através do acréscimo, conduz a conversação para outra direção. Passa do movimento da descrição para o da argumentação, por constatar que fez o desenho igual, porém menor que o da amiga. Maior, muitas vezes, na nossa sociedade, pressupõe melhor, por isso, centrada nessa idéia que rebaixa o valor do seu, monta uma estratégia para modificar essa visão. Seu argumento é calcado sobre a falha encontrada no desenho de Malu: árvore deitada. Assim sua árvore, na posição correta, agora é menor, mas no futuro será maior, já a de Malu ficará menor, porque crescerá deitada.

Nesse último exemplo de retomada, tem-se uma estratégia que funciona como uma ponte unindo as interlocuções. O surpreendente é perceber que as crianças vão além, em seus encadeamentos, revelando uma atividade criativa na linguagem, pois muitas vezes apoiadas numa simples retomada, encontram uma forma de complementar e dar progressão ao diálogo.

É possível ver que as retomadas de um mesmo enunciado por um ou vários locutores se inserem diretamente na dimensão interlocutiva. Pode-se dizer que elas são o traço mais evidente da construção do tecido discursivo. E nesse

exemplo, a costura do tecido dialógico realizou-se através da *retomada*; consciente ou não, de discursos anteriores e esse movimento ajustou-se, diferentemente, a cada enunciação, afetando a organização do texto.

Em nossa comunicação, tanto na teoria apresentada como nos fragmentos analisados, o processo da retomada revestiu-se de uma importância fundamental. Primeiro, como lugar de sentido, em que faz surgir algo sempre novo no já estabelecido. E podemos apontar sobre esse aspecto que, ao produzir determinados sentidos, outros ficam apagados para serem ativados por outros sujeitos em outros momentos. Segundo,

como lugar de constituição do papel de intérprete, a retomada mostra um sujeito que escuta a própria fala e a fala do outro. E é a partir dessa relação de escuta, de intérprete, de resposta que o sujeito entra nos circuitos da linguagem. Por fim, como lugar também de construção do tecido dialógico, aparecendo como um procedimento básico de estruturação do discurso.

É importante ver que, ao retomar a si próprio ou ao repetir seu interlocutor, o falante encontra uma forma de criar novos sentidos, de dar continuidade ao discurso, de controlar a fala, de cooperar, de obter cooperação, de assegurar a intercompreensão, enfim de colocar-se no enunciado. Por trás do processo da retomada, está sempre o sujeito que se posiciona frente ao referente e ao interlocutor. Pela sua importância, somos levados a ver a retomada como um recurso de afirmação do próprio sujeito e de constituição da linguagem.

REFERÊNCIAS

- FARIA, Evangelina M^a. *Interação e argumentação oral infantil: o esperado e o surpreendente dos movimentos discursivos*. UFPE, 2002.
- FRANÇOIS, Frédéric. *Le discours et ses entours*. Paris-France: L'Harmattan, 1998.
- _____. *Práticas do oral: diálogo, jogo e variações das figuras do sentido*. Trad. Lélia E. Melo. Carapicuíba: Pró-Fono, 1996.
- FRANÇOIS, Frédéric, HUDELLOT, Christian e SABEAU-JOUANNET, Émile. *La communication Inégale heus et malheurs de l'interaction verbale*. Paris: Delachau et Niestle, 1990.
- FRANÇOIS, Frédéric, HUDELLOT, Christian e SABEAU-JOUANNET, Émile. *Conduites linguistiques chez le jeune enfant*. Paris-PUF, 1984.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales*. Vol. I, Paris: Armand Colinn, 1990.
- _____. *Les interactions verbales*. Vol. II, Paris: Armand Colinn, 1990.